

Pílula anti-HIV pode impedir infecção mesmo se uso não for diário, diz estudo

Mariana Lenharo

A estratégia de prevenção contra o HIV aprovada em julho nos Estados Unidos – que envolve o uso do antirretroviral Truvada para homens saudáveis que fazem sexo com homens – é capaz de impedir a infecção mesmo se o uso do remédio não for diário. A conclusão é de um estudo publicado hoje na revista *Science Translational Medicine* que teve a participação de três centros de pesquisa brasileiros.

A eficácia da pílula anti-HIV havia sido comprovada em estudos anteriores, que mostraram que seu uso poderia diminuir em até 78% o risco de transmissão do vírus. Ainda não se sabia, porém, qual seria a concentração exata da droga suficiente para garantir um grau satisfatório de proteção nem a frequência de uso do medicamento que resultaria nesse efeito.

A conclusão foi de que, com o uso da concentração ideal do Truvada, duas doses por semana seriam capazes de reduzir os riscos de infecção em 76%. Quatro doses semanais garantiriam 96% de proteção. E sete doses semanais diminuiriam o risco em 99%. “Surpreendentemente, descobrimos que os participantes do estudo não tiveram de aderir perfeitamente ao regime terapêutico para colher os benefícios do Truvada”, disse o pesquisador americano Robert Grant, do Instituto Gladstone, organização dedicada a pesquisas bio-

DROGA PREVENTIVA

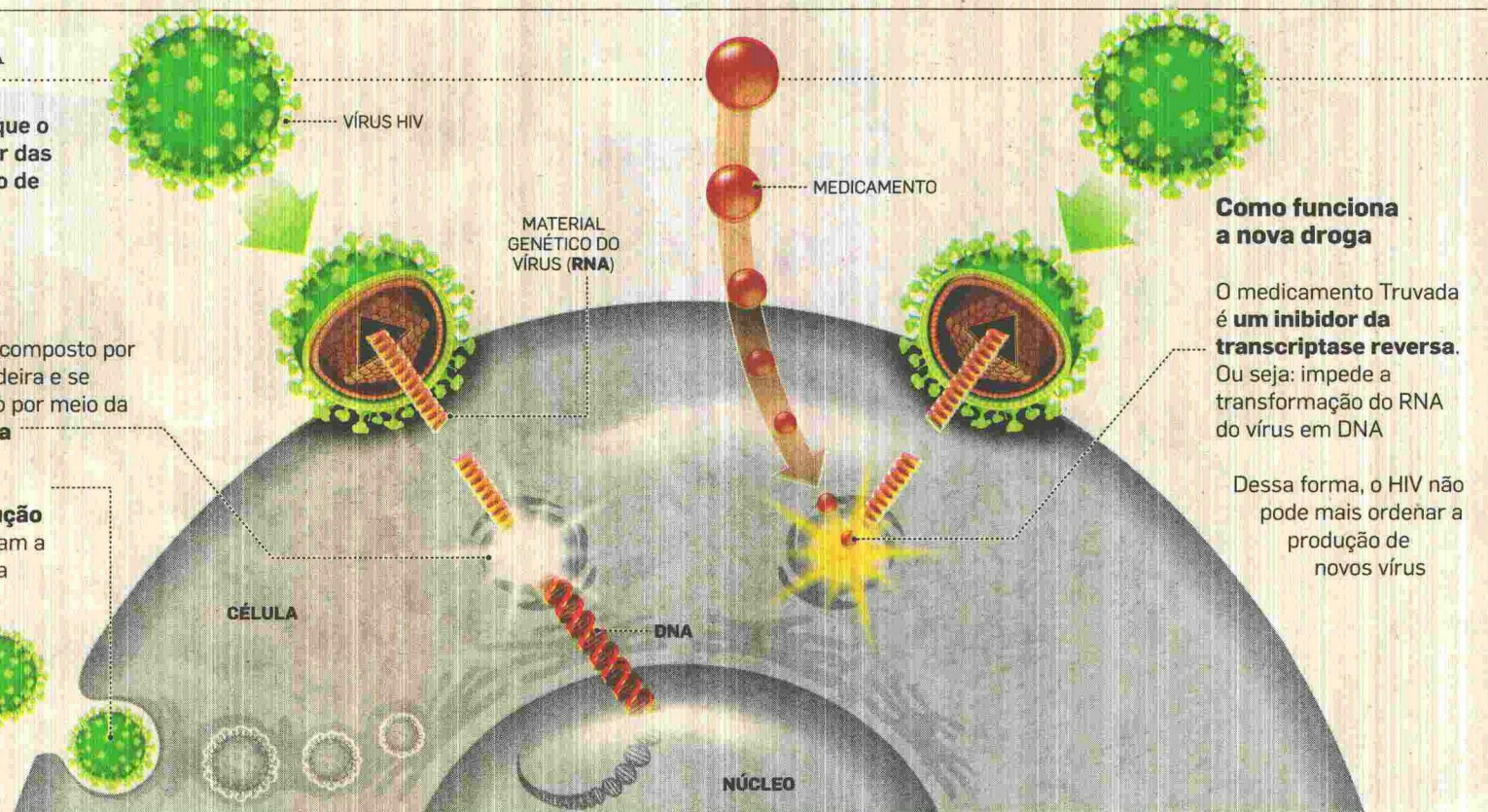
● A “pílula anti-HIV” impede que o vírus se multiplique no interior das células. Entenda o mecanismo de atuação da droga

Como o vírus atua

1 O material genético do HIV, composto por RNA, entra na célula hospedeira e se transforma em DNA. Isso é feito por meio da enzima **transcriptase reversa**

2 O DNA viral ordena a **produção de novos vírus** que provocam a destruição da célula atingida e a invasão de novas células

3 Como o vírus ataca as células do sistema imunológico, o organismo passa a ficar muito mais suscetível a outras doenças



Como funciona a nova droga

O medicamento Truvada é um **inibidor da transcriptase reversa**. Ou seja: impede a transformação do RNA do vírus em DNA

Dessa forma, o HIV não pode mais ordenar a produção de novos vírus

INFOGRÁFICO: RUBENS PAIVA/AE

médicas ligada à Universidade da Califórnia.

Apesar dos bons resultados, os pesquisadores alertam que, por enquanto, somente o uso diário é oficialmente recomendado para garantir a proteção. Para a médica Valdílea Veloso dos Santos, do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas da Fundação Oswaldo Cruz, os resultados confirmam que a estratégia é uma intervenção eficaz, com grande potencial de se estabelecer como instrumento de pre-

venção para esse público.

Valdílea, uma das autoras do artigo, acrescenta que é possível começar a testar esquemas de uso do medicamento diferentes do diário. “A possibilidade de usar menos doses torna a estratégia mais barata. Também tem implicações em relação aos efeitos colaterais, que seriam menores. Nesse caso, quanto menos, melhor.”

Para chegar aos resultados, os pesquisadores partiram dos dados de dois estudos anteriores – chamados iPrEx e Strand. Pri-

meiro, eles descobriram qual era a quantidade de medicamento que permanecia no sangue dos participantes de acordo com o número de doses semanais da medicação. Depois, determinaram o grau de proteção garantido em cada frequência de uso.

A dosagem da medicação no sangue foi importante porque a adesão pode não ser corretamente relatada pelos participantes. “Nosso próximo passo é pegar os métodos que desenvolvemos e criar ferramentas simples, mas

poderosas, que podem medir a adesão à droga para ajudar os médicos a monitorar o quanto o Truvada está funcionando”, diz o pesquisador Peter Anderson, da Universidade do Colorado.

Outras ações. Especialistas alertam que esse tipo de estratégia deve ser aliada a outras medidas preventivas. “Essas estratégias alternativas não devem ser aplicadas isoladamente, mas vir dentro de um pacote, junto com um aconselhamento”, diz o in-

fectologista Alexandre Naime Barbosa, da Faculdade de Medicina da Unesp.

Quem optar por adotá-la deve continuar usando camisinha, fazer testes de HIV periodicamente e tratar outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), que costumam deixar o paciente mais vulnerável à infecção por HIV. “Se não houver esse aconselhamento, existe um risco muito sério de relaxamento nos métodos preventivos ou até o aumento da exposição”, diz Barbosa.

Ministério da Saúde não pretende adotar o método

● Quando foram divulgados os primeiros resultados sobre a eficácia do uso diário do Truvada como estratégia de prevenção contra o HIV, o Ministério da Saúde afirmou que o Brasil não mudaria sua política de prevenção por conta da novidade.

Diante dos novos resultados, o diretor do Departamento de DST,

Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, Dirceu Greco, destacou pontos positivos e negativos a respeito da profilaxia pré-exposição, mas reiterou que ainda não existem evidências suficientes que justifiquem o estudo da adoção do método no sistema público de saúde.

“Pode ser que isso mude as possibilidades de encontrar situações muito específicas em que a estratégia seja útil. O Ministério da Saúde nunca disse que era avesso a qualquer coisa que pudesse ser, do ponto de vista cien-

tífico, um método a mais para que se consiga controlar a transmissão”, disse Greco.

Entre os pontos desfavoráveis à adesão da pílula anti-HIV, segundo Greco, estão a dificuldade de adesão (já que mesmo os pacientes infectados têm dificuldade de aderir ao uso diário da droga), a falta de estudos que mostrem os efeitos colaterais do uso prolongado do remédio para pessoas saudáveis e o risco de que os usuários do Truvada descuidem do uso dos preservativos, além do alto custo da droga. / M.L.

